



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

PROFISSÃO PROFESSOR: UM OLHAR SOBRE SUA SAÚDE

Ana Cristina Franco da Rocha Fernandes¹
Ana Paula Martins Fonseca²
Fernanda Francischetto Amaral Rocha³

- RESUMO

O termo saúde do trabalhador refere-se a um campo do saber que visa compreender as relações entre trabalho e processo saúde-doença. Nesta acepção, considera-se a saúde e a doença como processos dinâmicos, estreitamente articulados com os modos de desenvolvimento produtivo da humanidade em determinado momento histórico. Parte do princípio de que a forma de inserção dos homens e mulheres nos espaços de trabalho contribui decisivamente para formas específicas de adoecer e morrer. O fundamento de suas ações é a articulação multiprofissional, interdisciplinar e intersetorial (BRASIL, 2001). A saúde dos trabalhadores é condicionada por fatores sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais relacionados ao perfil de produção e consumo, além de fatores de risco de natureza físicos, químicos, biológicos, mecânicos e ergonômicos presentes nos processos de trabalho particulares. Especificamente em relação ao trabalho docente é fato que o processo de globalização trouxe novas definições para as políticas educativas e, conseqüentemente promoveu mudanças no processo de trabalho e na gestão escolar. O professor na atualidade, para atuar junto ao educando, precisa ser criativo e flexível em relação as novas situações que lhe são apresentadas cotidianamente pela escola, além de encontrar soluções inerentes à profissão. O professor extrapolou a mediação do conhecimento do aluno, devendo o mesmo conseguir articular com a escola e com a comunidade. Diante das novas funções delegadas ao trabalho docente, alguns estudos acerca do adoecimento do professor vêm sendo desenvolvidos, mas muitos desses estudos se fecham em doenças ligadas ao estresse. Pouco se tem sobre as repercussões do trabalho sobre a saúde do professor. Tavares (2012) afirma que o trabalho do docente envolve além de ensinar, investigar, relacionar interpessoalmente com os colegas de trabalho, ambiente em que trabalha, os alunos e outros elementos do trabalho. A categoria docente tem sido apontada como uma das mais expostas a ambientes com conflitos e de alta exigência de trabalho. O objetivo deste trabalho foi avaliar saúde e qualidade de vida dos professores universitários vinculados à Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Divinópolis. Tratou-se de uma pesquisa transversal quantitativa exploratória onde participaram do estudo os professores da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Divinópolis. O instrumento de coleta de dados é SF-36 (Medical Outcomes Study 36 – Item Short – Form Health Survey) que é um questionário de avaliação da qualidade de vida, de fácil administração e compreensão. Foi realizada a revisão da literatura e capacitação do bolsista para aplicação do questionário,

1 Mestre em Educação Tecnológica pelo CEFET/MG, anadelio23@gmail.com.

2 Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela UEMG/MG, ana.fonseca@uemg.br

3 Mestre em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela UEMG/MG, rocha.fernanda@uol.com.br.

posteriormente foi feito um levantamento do quadro de professores da instituição que no momento da pesquisa era composto por 153 docentes. A Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade de Divinópolis, possui 17 cursos presenciais, sendo 7 cursos de licenciatura, totalizando 21 turmas e 10 cursos de bacharelado, totalizando 44 turmas. Trabalhando com estas 63 turmas, em 17 cursos, temos na Unidade 85 professores com dedicação de 40 horas semanais e 78 professores com dedicação de 20 horas semanais. Todos os professores dão em média 12 aulas semanais seguindo orientações na Universidade do Estado. O objetivo do trabalho foi avaliar saúde e qualidade de vida dos professores universitários vinculados à Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Divinópolis, verificamos quais as morbidades que acometem os professores da Unidade de Divinópolis e avaliamos a qualidade de vida dos professores. A análise de dados foi realizada através do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)*, versão 13.0. Considerando a importância de desenvolvimento de estudos nessa área, esta pesquisa auxiliou no sentido de gerar conhecimentos que subsidiaram as discussões sobre a saúde dos docentes de Ensino Superior da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Divinópolis. Por meio deste estudo conclui-se, que a avaliação de qualidade de vida, através do questionário SF-36, apresentou valores acima do escore 50. Todos os domínios alcançaram valor maior que 50, concluindo-se que os funcionários da UEMG-Divinópolis apresentam uma boa qualidade de vida até o momento. Conhecer agravos decorrentes do trabalho pode contribuir na prevenção do sofrimento e do adoecimento a este relacionamento, além de capilarizar saberes que venham a auxiliar na sensibilização de gestores acerca da seriedade que o tema requer, e, por conseguinte, na melhoria das condições de vida do trabalhador docente.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador; professor; ensino

- Introdução

O termo saúde do trabalhador refere-se a um campo do saber que visa compreender as relações entre trabalho e processo saúde-doença. Nesta acepção, considera-se a saúde e a doença como processos dinâmicos, estreitamente articulados com os modos de desenvolvimento produtivo da humanidade em determinado momento histórico. Parte do princípio de que a forma de inserção dos homens, mulheres e crianças nos espaços de trabalho contribui decisivamente para formas específicas de adoecer e morrer. O fundamento de suas ações é a articulação multiprofissional, interdisciplinar e intersetorial (BRASIL, 2001).

É escassa a literatura sobre condições de trabalho e saúde de docentes, principalmente no nível universitário, quando comparada a outras áreas trabalhistas; até pouco tempo, os estudos privilegiavam as relações entre saúde e trabalho, em contextos fabris, onde a relação entre trabalho e saúde é mais direta e os riscos à saúde são mais evidentes (Araújo *et al.*, 2005). Entretanto, os professores tornaram-se um trabalhador intelectual na área de serviços (Oliveira, 2006; Fernandes, 1989). Segundo Francelino (2003: 136),

a partir a década de 1960, o professor se vê submetido às mesmas condições dos trabalhadores fabris, pois a escola adquire a nova função de formar trabalhadores. O aluno passa a ser visto como produto e a

escola como uma instituição produtora da força de trabalho.

Enfim, a orientação dominante na política educacional impõe à universidade pública constrangimentos que vão desde mecanismos dos mais diferentes tipos, usados para adequá-la à lógica do mercado, até a ameaça pura e simples de privatização. São as leis do mercado tornando-se cada vez mais presentes nas relações das instituições educacionais. Assim, assistimos a um deterioramento das condições de trabalho dos docentes que tem provocado mudanças em sua atuação e função social (RESENDE, 2005).

Nóvoa (1995, 1999) e Esteve (1995, 1999) denominam de “mal-estar docente” o fenômeno decorrente dessa mudança na política educacional, o qual se relaciona ao ambiente profissional do professor, estando presentes deficiências nas condições de trabalho, falta de recursos humanos e materiais, violência nas salas de aulas e esgotamento físico. Esse quadro favorece significativo desgaste biopsíquico do educador, produzindo, segundo Rocha e Sarrierra (2006), um deslocamento do perfil das doenças relacionadas ao trabalho, destacando-se na atualidade, doenças como hipertensão arterial, doenças coronarianas distúrbios mentais, estresse e câncer, dentre outras.

O professor na atualidade, para atuar junto ao educando, precisa ser criativo e flexível em relação as novas situações que lhe são apresentadas cotidianamente pela escola, além de encontrar soluções inerentes à profissão. O professor extrapolou a mediação do conhecimento do aluno, devendo o mesmo, conseguir articular com a escola e com a comunidade.

Diante das novas funções delegadas ao trabalho docente, alguns estudos acerca do adoecimento do professor vêm sendo desenvolvidos, mas muitos desses estudos se fecham em doenças ligadas ao estresse. Pouco se tem sobre as repercussões do trabalho sobre a saúde do professor.

Tavares (2012) afirma que o trabalho do docente envolve além de ensinar, investigar, relacionar interpessoalmente com os colegas de trabalho, ambiente em que trabalha, os alunos e outros elementos do trabalho. A categoria docente tem sido apontada como uma das mais expostas a ambientes com conflitos e de alta exigência de trabalho.

Considerando a importância de desenvolvimento de estudos nessa área essa pesquisa pretende contribuir no sentido de gerar conhecimentos que possam subsidiar as discussões sobre a saúde dos docentes do Ensino Superior da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Divinópolis.

A Universidade do Estado de Minas Gerais- Unidade de Divinópolis, conta hoje com 16 cursos presenciais, sendo 7 cursos de licenciatura, totalizando 21 turmas e 9 cursos de bacharelado, totalizando 44 turmas. Trabalhando com estas 65 turmas, em 16 cursos, temos na Unidade 85 professores com dedicação de 40 horas semanais e 78 professores com dedicação de 20 horas semanais. Todos os professores dão em média 12 aulas semanais seguindo orientações da Universidade do Estado.

Avaliar saúde e qualidade de vida dos professores universitários vinculados à Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Divinópolis foi o objetivo principal desta pesquisa.

- Desenvolvimento

A saúde dos trabalhadores é condicionada por fatores sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais relacionados ao perfil de produção e consumo, além de fatores de risco de natureza físicos, químicos, biológicos, mecânicos e ergonômicos presentes nos processos de trabalho particulares.

Segundo Carneiro (2006) de modo esquemático, pode-se dizer que o perfil de morbimortalidade dos trabalhadores no Brasil, na atualidade, caracteriza-se pela coexistência de:

- agravos que têm relação com condições de trabalho específicas, como os acidentes de trabalho típicos e as “doenças profissionais”;
- doenças que têm sua frequência, surgimento ou gravidade modificados pelo trabalho, denominadas “doenças relacionados ao trabalho” e;
- doenças comuns ao conjunto da população, que não guardam relação de causa com o trabalho, mas condicionam a saúde dos trabalhadores.

A escassez e inconsistência das informações sobre a real situação de saúde dos trabalhadores dificultam a definição de prioridades para as políticas públicas, o planejamento e implementação das ações de saúde do trabalhador, além de privar a sociedade de instrumentos importantes para a melhoria das condições de vida e trabalho.

O incentivo a realização de pesquisas na área favorece a introdução de novos conceitos e aproxima a academia dos serviços, possibilitando “maior investigação e exploração das informações produzidas na atividade pericial que constituem instrumentos privilegiados para o entendimento do perfil de morbimortalidade dos trabalhadores e para o desenvolvimento das ações de promoção à saúde” (CARNEIRO, 2006).

Especificamente em relação ao trabalho docente é fato que o processo de globalização trouxe novas definições para as políticas educativas (CORAGGIO, 2000), e conseqüentemente promoveu mudanças no processo de trabalho e na gestão escolar.

Nesse novo cenário, a sociedade delega à instituição, Escola, a competência da educação do cidadão, tanto na sua formação geral quanto para o mundo do trabalho. É a Escola, então, o espaço privilegiado para a sistematização do saber, bem como o seu tratamento teórico e modelado. Dessa forma, o sistema escolar tem sido instigado a assumir a função de espaço criador de condições que possibilitem a socialização e a produção do saber entre educadores e educandos, enquanto sujeitos sociais e culturais.

O pilar de uma sociedade desenvolvida é apoiada em instituições educacionais formadoras de educandos críticos, capazes de mudar relações, romper paradigmas e construir uma relação entre teoria e prática para formar um cidadão.

As mudanças pelas quais vem passando o mundo incluem transformações da prática social e do trabalho. A educação não pode ficar à deriva. Surge um compromisso de adequação às novas necessidades do mundo do trabalho.

A escola se torna o espaço de formação de cidadãos capazes de se adaptar às exigências de um mercado que requer profissionais que não se limitem ao desenvolvimento de uma competência específica.

Nesta formação que transcende o conteúdo entra o papel cada vez mais fundamental do educador. Consequentemente, as transformações da sociedade, as repetidas reformas educacionais e os modelos pedagógicos provocaram mudanças na profissão docente, estimulando a formulação de políticas por parte do Estado. De acordo com Souza *et al.* (2003), até os anos 60 havia uma estabilidade de emprego e uma relativa segurança material para os trabalhadores do ensino e até um certo prestígio social. Essas premissas não são observadas no cenário atual.

O trabalho docente é ao mesmo tempo um espaço de reafirmação da auto-estima, de desenvolvimento de habilidades, de expressão das emoções, o que o torna um espaço de construção da história individual e de identidade social. De outro lado, o ambiente de trabalho pode produzir “enfermidades ocupacionais”, comprometendo a saúde física e mental do indivíduo (Araújo *et al.*, 2005). Esta tematização sobre o trabalho apresenta-o como essência constitutiva do ser humano, como categoria que institui o ser social. Se o trabalho alicerça o homem, no instante em que o trabalhador é explorado e não se sente livre em sua atividade vital, torna-se estranho a ele (OLIVEIRA, 2006). Dessa forma, o trabalho provoca sofrimento,

ameaça o próprio corpo, fadado à decadência; o mundo externo, que pode voltar-se contra ele com forças de destruição e o relacionamento com outros, colocado como talvez sendo a fonte de sofrimento mais penoso. A defesa imediata contra este sofrimento seria o isolamento, porém que o melhor caminho é o de tornarmo-nos membros da comunidade humana. (Oliveira, 2006: 30)

Esta investigação justifica-se quando considera que conhecer agravos decorrentes do trabalho pode contribuir na prevenção do sofrimento e do adoecimento a este relacionado, além de capilarizar saberes que venham a auxiliar na sensibilização de gestores acerca da seriedade que o tema requer, e, por conseguinte, na melhoria das condições de vida do trabalhador docente. Considerando que o conceito de saúde não é só ausência de doença, mas também a adaptação do sujeito com o ambiente em que vive, incluindo o trabalho, objetiva-se investigar as condições de saúde auto referidas de professores universitários e a interface com sua ocupação.

Com o objetivo de avaliar saúde e qualidade de vida dos professores universitários vinculados à Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Divinópolis, esta pesquisa utilizou como metodologia a aplicação do questionário SF-36, sendo um único examinador responsável pela aplicação do instrumento. A análise dos dados foi realizada através do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 13.0. O nível de significância será estabelecido em $\alpha = 0.05$ (5%). O projeto desta pesquisa contemplou a Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde e foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UEMG – Unidade Divinópolis para análise dos aspectos éticos envolvidos na sua realização.



- Considerações finais

Uma limitação do estudo encontrada foi a dificuldade de encontrar alguns professores na universidade, pois muitos são horistas, embora a maioria dos sujeitos tenha sido colaborativa com a pesquisa.

A Unidade de Divinópolis, tinha no momento da pesquisa 163 docentes em exercício da profissão, destes 70 docentes participaram da pesquisa, o que corresponde a 43% do total do docentes.

Destes 70 docentes, 39 (55,7%) eram do sexo feminino e 31 (44,3%) do sexo masculino.

A média de idade dos professores entrevistados foi de 39,7 anos.

Os resultados referentes à avaliação da qualidade de vida está descrita na tabela abaixo, que apresenta o resultado de cada domínio (8) e a pontuação de cada item (0-100):

DOMÍNIOS	RESULTADO (%)	Escore
Capacidade funcional	98,5	50-100
Aspectos físicos	88,2	50-100
Dor	92,6	50-100
Estado geral de saúde	94,1	50-100
Vitalidade	77,9	50-100
Aspectos sociais	88,2	50-100
Aspectos emocionais	61,7	50-100
Saúde mental	86,7	50-100

TABELA 1. Avaliação de qualidade de vida dos docentes

Fonte: Elaboração própria.

Analisados os 70 professores da UEMG-Divinópolis, pode-se observar que em todos os domínios houve um alcance acima de 50 pontos de escore, considerado adequado para a qualidade de vida.

A pontuação próxima a 80, estão os aspectos físicos(88,2%), aspectos sociais (88,2%) e saúde mental (86,7%). O que é uma média alta bastante significativa.

O domínio de maior (98,5%) foi a capacidade funcional. Um percentual que merece a nossa análise mais detalhada, pois atinge quase 100%.

Índices próximos a 90% estão a dor (92,6%) e o estado geral de saúde (94,1%). Estes índices indicam uma qualidade de vida bastante positiva destes professores.

O sinal amarelo, de alerta apareceu no domínio dos aspectos emocionais (61,7%), o menor deles.

Algumas variáveis podem ser levantadas, mas precisam ser avaliadas em pesquisas posteriores. A Unidade passou pelo processo de absorção pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Os professores deixaram de compor um quadro de Universidade Privada para Universidade Pública. Porém nesta mudança, não foi oferecido a estes professores estabilidade de emprego, ou seja, eles passaram a ser professores designados.

Avalia-se a importância da continuidade desta coleta de dados nos próximos anos para que seja possível ter um parâmetro de comparação e verificação do impacto do processo de absorção da Unidade de Divinópolis pela UEMG, e como este processo pode ou não ter afetando a saúde dos professores.

A qualidade de vida está diretamente relacionada com a satisfação do indivíduo e sua capacidade produtiva. Um ambiente de trabalho agradável, seguro, com respeito mútuo, oportunidades de aprendizagem e crescimento, contribui satisfatoriamente na vida social e relacionamento familiar do trabalhador.

Ao longo do tempo, os professores vêm sofrendo transformações no seu cotidiano, em decorrência das novas tecnologias, mudanças no sistema educacional e nas formas de organização do seu trabalho. Com isso, a rotina do seu trabalho modificou, as exigências socioeconômicas aumentaram o que favorece a exposição deste trabalhador a cargas de trabalho fatigantes e a dispor de menos tempo para o lazer e o convívio familiar, tornando-o vulnerável ao sofrimento e ao adoecimento.

Sugerem-se estudos que possam contribuir para melhorar a qualidade de vida do professor, tais como pesquisas que avaliem número de turmas atendidas, a infraestrutura das salas de aula e a relação com o processo saúde-adoecimento. Além disso, podem ser objetos de pesquisa a relação deste processo com as cargas psíquicas, o status profissional, a relação com alunos e gestores, as diferenças de gênero e sexo no processo de adoecimento e enfrentamento das adversidades, assim como os dispositivos promotores de saúde física e mental deste profissional.

- Referências

ARAÚJO, T. M.; Sena, I.P., Vina, M.A. e Araújo, E.M. (2005). Mal-estar docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 29(1), 6-21.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Saúde do Trabalhador Saúde do trabalhador / Ministério da Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Trabalhador. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CARNEIRO S. A. M. Saúde do trabalhador público: questão para a gestão de pessoas – a experiência na Prefeitura de São Paulo. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v.57, n.1, p.23-49, jan./mar., 2006.

CORAGGIO, J.L. (2000). Propostas do Banco Mundial para a educação: sentido oculto ou problemas de concepção. Em: Tommasi, L.D.; Warde, M.J. e Haddad, S. *O Banco Mundial*

eas políticas educacionais (pp. 75-193). São Paulo: Cortez

ESTEVE, J.M. (1995). Mudanças sociais e função docente. Em: Nóvoa, A. (org.) *Profissão professor*. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora.

ESTEVE, J. M. (1999). *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC.

FERNANDES, F. (1989). *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez.

FRANCELINO, S.M.R.L. (2003). As transformações do mundo do trabalho e a atividade docente. Em: Leão, I.B. *Educação e psicologia: reflexões a partir da teoria sócio-histórica* (pp. 121-144). Campo Grande: Editora UFMS.

NÓVOA, A. (1999). Os Professores na Virada do Milênio : do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Educação e Pesquisa*, 25(1), 11-20.

OLIVEIRA, E.S.G. (2006) O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. *Cien. Cogn.*, 7, 27-41. Retirado no *Word Wide Web*:

<http://www.cienciasecognicao.org>.

RESENDE, M.R.S. (2005). *Formação e autonomia do professor universitário: um estudo da universidade federal de Goiás*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.

ROCHA, K.B. e Sarrieira, J. C. (2006). Saúde percebida em professores universitários: gênero, religião e condições de trabalho. *Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional (ABRPEE)*, 10(2), 187-196. **Manual de Gestão e Gerenciamento** – Coordenação Técnica de Saúde dos Trabalhadores – Ministério da Saúde -Ministério da Saúde Secretaria de Atenção à Saúde – SAS Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – DAPE Área Técnica de Saúde do Trabalhador – COSAT- 2006 1º Ed.

5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

